



## CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS CONOTAÇÕES DO TERMO “ELITE” NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Lucas Tibo Saraiva<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo em questão visa fazer uma revisão de literatura acerca das conotações do termo elite, desde comentadores de autores clássicos na teoria das elites, como Vilfredo Pareto e Gaetano Mosca, até abordagens mais atuais que relacionam o mencionado termo com as categorias de valor e de status social, usando, para tanto, as teorias sociológicas de Pierre Bourdieu e Norbert Elias que discutem, cada um à sua maneira, a construção social de modos de vida considerados refinados.

**Palavras-chave:** Conotações de “elite”; Status social; Gosto; Processo Civilizatório.

### INTRODUÇÃO

A relação entre dominadores e dominados pode ser verificada em várias épocas e em diferentes contextos históricos. Na Antiguidade Clássica, de maneira geral, havia a existência de uma aristocracia que dominava os escravos; na Idade Média, os servos é que eram dominados pelos senhores feudais que contavam também com o apoio da Igreja Católica para exercer o domínio; a Idade Moderna e Contemporânea acompanha o advento do capitalismo em suas várias fases. Em um estágio mais maduro, a relação entre dominadores e dominados se dá no formato de quem possui os meios de produção (burguesia) e quem possui somente a força de trabalho (proletariado). Dessa forma, no mundo moderno, a relação entre capital – trabalho permeará várias sociedades, mais especificamente as modernas democracias ocidentais. Porém, com o desenvolvimento do modo de produção capitalista, com a flexibilização do trabalho e a ramificação da produção, a burguesia, na condição de classe dirigente, se diferencia internamente. Desse modo, pode-se falar em vários tipos de “elite”: uma elite política que comanda de fato as instâncias representativas; uma elite econômica que comanda os organismos econômicos e as grandes empresas; uma elite intelectual que

---

<sup>1</sup>Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES.  
E-mail: [lucas\\_tibo@hotmail.com](mailto:lucas_tibo@hotmail.com).

comanda o mundo das ideias. Apesar de tentar designar um estrato da população que possui o poder de decisão e capacidade de influência dentro de uma determinada sociedade, o termo elite ainda guarda uma série de ambiguidades e contradições, pois foi usado de formas variadas e por diferentes autores com prismas de análise distintos ao longo do tempo.

Neste artigo, objetiva-se realizar uma revisão de literatura acerca das conotações do termo elite, desde comentadores de autores clássicos na teoria das elites, como Vilfredo Pareto e Gaetano Mosca, até abordagens mais atuais que tentam dar ao termo uma definição mais precisa para fins de pesquisa. Far-se-á também um esforço na direção de refletir sobre o termo “elite” entrelaçado com o “status social” e com os valores que ela traz: para isso, teremos como referencial teórico os estudos sociológicos de Pierre Bourdieu sobre o gosto como marcador e diferenciador social, oriundo da mescla da origem familiar e da formação educacional; e também as análises de Norbert Elias acerca dos modos civilizados de ser que se desenvolveram ao longo de séculos. Dessa forma, tentaremos associar o estudo das elites com os conteúdos valorativos por elas compartilhados e que as caracterizam enquanto “elite”, pelo menos do ponto de vista cultural. Entendemos que uma das linhas de investigação da sociologia é compreender quais são os arcabouços valorativos que os estratos da sociedade carregam, sendo que a tarefa que se impõem aqui é fazer isso com o estrato mais privilegiado da sociedade: a elite.

## **AS CONOTAÇÕES CLÁSSICAS DO TERMO ELITE: ABORDAGENS DE MOSCA E PARETO**

Segundo Bottomore, o termo “elite” era empregado inicialmente no século XVII para indicar produtos de alto valor. Só com o passar do tempo e mais recentemente, o termo ganha o sentido usual relacionado com a superioridade de determinados agrupamentos sociais (BOTTOMORE, 1978, p.49). Antes mesmo do século XVII, porém, pode-se remeter a Platão no que tange a suas reflexões da elite como condutora ideal e norteadora adequada das decisões políticas dentro da “Pólis”. Mas é com a denominada “teoria das elites”, representada mormente por Vilfredo Pareto (1848-1923) e Gaetano Mosca (1858-1941) que o debate conceitual e político sobre as elites ganhará conteúdo.

Para Pareto, a definição geral de elite está atrelada à capacidade natural das pessoas de possuir determinadas qualidades. Pode-se extrair essa ideia de sua famosa frase, citada por Bottomore: “Reunamos, pois, em uma categoria, as pessoas que possuem os índices mais altos em seus ramos de atividade, e a essa categoria daremos o nome de elite” (PARETO

apud BOTTOMORE, 1978, p.49). Pareto exemplifica essa ideia atribuindo “notas” de zero a dez a pessoas situadas em determinadas ocupações profissionais, de modo que sempre há pessoas que possuem desempenhos mais elevados do que outras. Aos que possuírem “nota dez”, esses serão enquadrados como genericamente pertencentes a elite.

Partindo para o campo das distinções conceituais, Pareto coloca que existe uma diferença básica entre elite e não-elite e que dentro da elite, existe uma parcela que lida mais diretamente com o poder (elite governante) e outra que não se encontra próxima das instâncias decisórias de poder (elite não governante). Segundo Zuckerman, apesar das distinções conceituais, não existe, para Pareto, critérios precisos de delimitação, pois a realidade concreta é muito mais complexa. As conceituações tem que ser feitas a partir da elaboração de hipóteses empiricamente verificáveis para possuírem alguma validade (ZUCKERMAN, 1978, p.14).

Aprofundando nas análises de Pareto, apesar de ser mais conhecido pela sua atuação na área da economia, o pensador italiano também se interessa e escreve sobre sociologia. Em seu pensamento, a economia trata de ações calcadas em raciocínios lógicos, enquanto a sociologia objetiva elucidar o comportamento social dos indivíduos e coletividades, de modo que o comportamento social se constitui em sua maior parte de bases ilógicas de ação. Para estudar esse tipo distinto de ações ilógicas, Pareto desenvolve três conceitos básicos de análise: “resíduos”, “derivações” e “heterogeneidade social” (ZUCKERMAN, 1978, p.15-16). Explicando resumidamente tais conceitos, Zuckerman coloca que:

Os resíduos são os sentimentos e instintos humanos básicos. As derivações refletem a necessidade de explicar o comportamento e os desejos e a capacidade de influenciar o comportamento que tem as ideias propostas. A heterogeneidade social [se dá] quando da diferenciação entre elite, não elite, e elite governante e não governante. Pareto guardou para o termo interesse o sentido usual em que este é utilizado na economia (IBIDEM, p.16).

Apesar de focar a separação irremediável entre elite e não elite, Pareto estuda o tema da circulação das elites, ou seja, a troca de membros da elite de tempos em tempos, só que com um problema: ele o faz pautado em termos psicológicos.

É um outro pensador, também de origem italiana, que vai contribuir para a teoria das elites com uma abordagem mais sociológica e menos abstrata: Gaetano Mosca. Ele parte do pressuposto de que em toda sociedade, há um grupo que domina as relações sociais e toda a vida social e outro que é dominado. Os dominadores são sempre uma minoria organizada e possuem atributos altamente valorizados socialmente, diferente da maioria dominada e

desorganizada (BOTTOMORE, 1978, p.50). Diferentemente de Pareto, que concebia uma certa homogeneidade dentro da elite, Mosca enfatiza a heterogeneidade dentro da própria elite e explicando o rodízio de membros das elites em termos mais sociológicos, ou seja, de emergência de novas forças sociais no cenário político.

Outra importante contribuição de Mosca para a teoria das elites é sua percepção da tendência de estratificação das democracias modernas. Dessa forma, a elite não exerce um domínio unilateral em relação ao restante da sociedade, havendo uma espécie de “classe média”, composta em sua maioria de profissionais liberais e comerciantes, que de alguma forma pressionam a elite e que também, em certos momentos, a compõem (BOTTOMORE, 1978, p.51). Interessante notar que Mosca, na verdade, não usa tanto o termo elite, mas sim o termo “classe política” para designar os detentores de poder e influência. Esse termo é equivalente à “elite governante” de Pareto.

Zuckerman, analisando a obra de Gaetano Mosca, enfatiza dois pontos importantes que servem de lastro para o próprio Mosca: primeiro, a ideia de “um governo estável e efetivo” e segundo, a ideia de “revolução”. No que toca ao primeiro ponto, Zuckerman diz que, para Mosca:

[...] uma sociedade será caracterizada por um governo estável quando a classe governante for bem organizada, estiver disposta a usar a força para sustentar o seu domínio, possuir o preparo técnico adequado e for percebida por outrem como reunindo em seu bojo qualidades altamente valorizadas (MOSCA apud ZUCKERMAN, 1978, p.18).

O contrário disso que acaba de ser dito, isto é, quando a classe governante estiver desorganizada e passando por conflitos internos, abre-se caminho para a revolução.

As conotações do termo “elite” usadas por Pareto e Mosca deitam raízes nas concepções acerca das relações de poder desiguais presentes de forma inerente a toda sociedade. Segundo Bottomore “Tanto Mosca quanto Pareto, portanto, preocupam-se com as elites no sentido de grupos de pessoas que exercem diretamente o poder político, ou que estão em condições de influir sobre seu exercício (BOTTOMORE, 1978, p.50).

Zuckerman traz algumas reflexões relevantes acerca do “pântano teórico e conceitual” que o termo elite suscitou após as teorias de Mosca e Pareto (ZUCKERMAN, 1978, p.7). De fato, depois de explanar e analisar algumas definições de elite oriundas de diferentes autores, esse autor aponta duas dificuldades: uma relativa à localização empírica dos membros da elite, pois há conceitos que restringem tanto “o que é elite” que fica impossível de haver essa localização; outra, relativa à comparação de estudos usando-se o

termo elite, pois não há uma unidade conceitual que permita fazer comparações empíricas (IBIDEM, p.9).

Apesar dos frutíferos estudos posteriores à teoria das elites de vários sociólogos e cientistas políticos como Harold Lasswell, Robert Dahl, Wright Mills, Tom Bottomore, dentre outros, o termo elite, quando se pretende aprofundar, é usado de forma confusa e ambígua e às vezes vazia de sentido, pois se fala em elite mas não se tem limites claros de quem a compõe. Giddens, citado por Zuckerman, diz que

Nenhum campo da sociologia tem estado mais sujeito à vagueza de termos e a conceituações nebulosas e cambiantes. Os termos são muito numerosos: “classe dominante”, “classe política”, “elite”, “elite de poder” e “grupo de liderança” competem entre si para obter a supremacia no âmbito da literatura. Por vezes eles são utilizados como sinônimos, por vezes são deliberadamente usados como tendo significados opostos. Em alguns casos o emprego desses termos, do ponto de vista terminológico, é simplesmente descuidado; em outros casos, as variações escondem ambiguidades de formulação conceitual (GIDDENS apud ZUCKERMAN, 1978, p.9).

Percebe-se, até aqui, que o termo “elite” foi usado com frequência aludindo-se a uma elite essencialmente “política”, vinculada às formas de dominação. Porém, mais recentemente, para efetuação de pesquisas sobre “elites”, em função da tendência cada vez mais frequente à fragmentação do trabalho e à complexificação da vida social, convencionou-se dividir essa categoria tendo como parâmetro possível a diversidade de ocupações profissionais: elite econômica ou empresarial, para os estudos que contemplam a análise de grupos financeiros e empresariais; elite jurídica, para o estudo do alto escalão da magistratura; elite política, para o estudo com foco nos grupos que lidam diretamente com o exercício do poder, elite intelectual para os estudos sobre os grupos que dominam o conhecimento científico etc.

Pode-se elencar, nesse ramo dos estudos sobre as elites, a associação entre elite e “status social”, refletindo sobre os modos, comportamentos e conjunto de valores que caracterizam um determinado grupo como superior e detentor de competências consideradas peculiares. É partindo desse ramo que investigaremos nesse artigo alguns pontos importantes dos estudos de dois sociólogos extremamente instigantes para os fins pretendidos: Norbert Elias e Pierre Bourdieu. É deles que falaremos agora.

## **NORBERT ELIAS E OS MODOS CIVILIZADOS DE SER**

Como a humanidade foi se educando com o passar do tempo? Essa é a pergunta-chave para Norbert Elias. Dela, já conseguimos extrair lição importante: nós, seres humanos,

não nascemos humanos, mas vamos ao longo da vida aprendendo os modos e os padrões de comportamento socialmente legitimados, ou seja, os modos civilizados de ser. Para adentrarmos um pouco no pensamento desse sociólogo alemão, vamos nos reportar a três conceitos sociológicos fundamentais usados pelo autor. São eles: Civilização, Figuração e Processos Sociais.

Civilização se configura como um conjunto de hábitos, valores e costumes internalizados pelos indivíduos que dão o caráter “social” ou “humano” a eles. Os seres humanos por natureza não possuem aspectos civilizados, porém possuem um potencial que permite a eles adquirir, aprender os modos civilizados de existência (ELIAS, 2006, p.21). Um aspecto vital da civilização é a auto - regulação dos impulsos e pulsões, o auto - controle das energias instintivas que brotam dos seres humanos. Importante frisar que se trata de um “auto – controle”, ou seja, diferentemente de coações externas, antes necessárias para a convivência humana. O auto controle, nesse sentido, vai tendo mais preponderância, o que significa mais autonomia e autoconsciência por parte dos indivíduos, e, por consequência, a constituição e generalização de um “caráter civilizatório”.

Elias recebeu inúmeras críticas que o acusavam de ser “evolucionista” por tratar os aspectos civilizados como aspectos evolutivos da humanidade em geral. Porém, ele não concebia nenhum tipo de linearidade evolutiva da humanidade e com frequência enfatizou que, concomitante à tendência civilizadora, há movimentos descivilizadores, atestando que o desenvolvimento humano é contraditório. Nas palavras do próprio autor:

Se contemplarmos o desenvolvimento da humanidade, deparamo-nos com um amplo processo de civilização humana. Esse processo, em constante embate com contraprocessosdescivilizadores, permanece até agora – portanto da Idade da Pedra até nossos dias – dominante. **Não há nenhum motivo para supor que ele deva permanecer dominante.** (IBIDEM, p.22, grifos nossos).

Outro conceito fundamental é o de figuração, que consiste em formas de interação específica entre os indivíduos intermediadas por símbolos. Dessa forma, da perspectiva elisiana, “Os seres humanos, em virtude de sua interdependência fundamental uns dos outros, agrupam-se na forma de figurações específicas” (IBIDEM, p.26). Essas figurações, construções conceituais de influência simmeliana, servem para balancear o debate clássico dentro da sociologia entre o que é mais preponderante para se compreender a vida social: as estruturas sociais ou as ações sociais. Elias procura superar essas unilateralidades epistemológicas, enfatizando que estrutura e ação são duas dimensões de um mesmo processo: não existe sociedade sem indivíduo e no indivíduo já se encontra internalizado a

sociedade (ELIAS, 2006, p.26). Nesse raciocínio, é válido dizer que, para Elias, a sociologia tem como escopo primordial o estudo das diferentes e específicas figurações que os indivíduos constroem entre si (IBIDEM, p.26).

A definição de “processos sociais” passa pela concepção de transformações amplas e de longa duração de figurações. Por isso a própria concepção de “civilização” se constitui como um “processo civilizatório”. Os processos sociais possuem características elementares, tais como: o englobamento de conceitos opostos, como, por exemplo, integração – desintegração; proximidade – distanciamento; ascensão – declínio etc; são reversíveis, não seguindo, necessariamente, uma direção unívoca; revelam deslocamentos de “centros de poder” entre os agrupamentos sociais (IBIDEM, p.28-29).

A partir dessa “pincelada” sobre os conceitos fundamentais apresentados por Elias, consegue-se depreender que o propósito de sua sociologia é investigar como a sociedade europeia ocidental passou pelo processo civilizatório, ou seja, como foi adquirindo hábitos e costumes ditos “civilizados”. As análises elisianas procuram apreender os efeitos da transição da sociedade feudal, baseada na regulação da vida social por meio da violência, para a sociedade de corte, pautada exatamente na auto – regulação de impulsos e pulsões e na instauração de um estilo de vida peculiarmente “civilizado”. Segundo Jessé Souza, o ponto fundamental para Elias é: “Qual é o impacto da pacificação da vida social sobre ‘psique’ individual e portanto sobre a relação dos homens entre si? (SOUZA, 2000, p.46).

Essencial ressaltar que no esquema teórico de Norbert Elias, o processo civilizatório deve ser compreendido a partir do entrelaçamento entre sociogênese e psicogênese, isto é, envolvendo mudanças nas estruturas macrosociais relacionadas a mudanças nas estruturas psíquicas dos indivíduos. Dessa maneira, existem processos de caráter mais estrutural que corroboram para a transição da sociedade feudal em direção a sociedade cortesã, quais sejam: a intensificação da divisão social do trabalho e o advento da economia monetária (processos socioeconômicos) e centralização política em função do surgimento dos Estados Nacionais (processo político) (IBIDEM, p.44). Porém, existem também processos microsociais que são observados com atenção e perspicácia por Elias, como por exemplo os novos modos de se portar a mesa no momento das refeições; os modos específicos de se usar os talheres; os modos de dormir, as relações sexuais etc. Jessé enfatiza que:

O que está em jogo em todas essas manifestações parciais é uma mudança de fundo comum: o movimento em direção a um aumento da sensibilidade em relação ao que é penoso observar nos outros e ao que produz vergonha no

próprio comportamento. É o “avanço” dessa fronteira que aprendemos a perceber como um “refinamento” do comportamento (SOUZA, 2000, p.49).

O comportamento humano passa a ser cada vez mais refinado, dotado de uma espécie de racionalidade que contribui para afirmar o que é correto e aceitável em termos de padrão a ser seguido. Nesse sentido, “O que é valorável ou civilizado é antes de tudo o que é aceito como tal pela elite social. Esse fato, por sua vez, não significa de modo algum um controle consciente pelas elites do processo como um todo. **Não existe sujeito no processo civilizatório**” (IBIDEM, p.49, grifos do autor).

Há uma outra transição importante analisada por Elias, que é a transição entre uma sociedade aristocrática ou de corte para uma sociedade democrática e burguesa. Nessa transição, observa-se uma generalização dos sentimentos de vergonha e constrangimento, que outrora eram restritos à nobreza, ocasionando em uma generalização do refinamento dos padrões de comportamento. Um exemplo disso são os valores compartilhados de higiene, limpeza e bons modos, que devem ser propagados por toda a sociedade (IBIDEM, p.50-51).

Mas, afinal de contas, o que as reflexões de Norbert Elias nos ajudam no que se refere ao estudo das elites? Se pensarmos a elite como detentora de um status elevado e de um prestígio legitimado socialmente, as análises elisianas servem como importante aporte teórico. Elas (as elites) são refinadas, possuem modos finos e elegantes, um padrão de comportamento exemplar (pelo menos na aparência). São, enfim, consideradas “civilizadas”.

## **PIERRE BOURDIEU E A CIÊNCIA DO GOSTO**

Um outro sociólogo que pode auxiliar na associação entre elite e status social é Pierre Bourdieu. Esse renomado pensador francês trabalha com um tipo de sociologia que pode ser enquadrada como “crítica”, na medida em que envereda constantemente no sentido da desnaturalização dos fenômenos e das práticas sociais. Assim como em Elias, os hábitos e os costumes para Bourdieu estão longe de ser naturais, tratando-se verdadeiramente de construções sociais.

Para analisarmos o pensamento sociológico de Bourdieu, vamos nos ater a suas conceituações de “habitus” e de “gosto”, e os possíveis desdobramentos desses conceitos.

O “habitus”, em primeiro lugar, é um esforço metodológico do autor para mediar o embate entre o objetivismo e o subjetivismo, ou seja, entre as concepções macroestruturais que partem da certeza de que a partir das estruturas se deduz as práticas sociais; e as concepções microsociais que desprezam as estruturas para focar nas práticas sociais e suas

interações. De forma semelhante a Elias, Bourdieu não concebe estrutura e ação separadamente, havendo, pois, uma dialética intermitente entre os dois termos (SOUZA, 2007, p.57-58). Nesse sentido, “habitus” para Bourdieu se configuraria, segundo Jessé Souza, como um

[...] sistema de estruturas cognitivas e motivadoras, ou seja, um sistema de disposições duráveis inculcadas desde a mais tenra infância que pré-molda possibilidades e impossibilidades, oportunidades e proibições, liberdades e limites de acordo com as condições objetivas” (SOUZA, 2007, p.43).

Mais do que a assimilação de valores e regras, o “habitus” é a incorporação (no sentido até de tornar corpo literalmente) de tais valores e regras, de modo que cada um de nós se torna uma “instituição”. É essa incorporação, eminentemente inconsciente e pré – reflexiva, que permite a reprodução simbólica da sociedade.

Para Bourdieu, o “habitus” possui duas bases de reprodução: a origem familiar e a instrução escolar. Nessa lógica, a origem familiar garante um conjunto de disposições iniciais que se imbrica com a instrução escolar, responsável essa última pela inculcação e imposição de regras, normas, valores e hábitos adquiridos no espaço escolar. A conjugação dessas duas bases gera um conjunto de disposições gerais para a prática de avaliar, apreciar, consumir e julgar.

Essas disposições para a prática estão atreladas, no raciocínio de Bourdieu, ao que ele chama de “gosto” ou de “competência estética”. O gosto não é inerente à pessoa, mas trata-se, sim, de uma competência socialmente construída mas não explicitada, tendo também relação direta com a origem familiar e o capital escolar. Dessa forma, Bourdieu coloca que:

Contra a ideologia carismática segundo a qual os gostos, em matéria de cultura legítima, são considerados um dom da natureza, a observação científica mostra que as necessidades culturais são produto da educação: a pesquisa estabelece que todas as práticas culturais (frequência dos museus, concertos, exposições, leituras, etc.) e as preferências em matéria de literatura, pintura ou música, estão estreitamente associadas ao nível de instrução (avaliado pelo diploma escolar ou pelo número de anos de estudo) e, secundariamente, à origem social (BOURDIEU, 2007, p.9).

O gosto se configura, assim, como um marcador social, sendo que por meio dele, consegue-se localizar, em grande medida, a posição de classe dos indivíduos.

Cada classe, para Bourdieu, possui uma estética diferenciada. A “estética popular” necessita dar significado às obras de arte, atrelando a forma à função. Quando um trabalhador manual, por exemplo, se depara com uma obra de arte, ele imediatamente tenta vincular o que está vendo com algum elemento de sua vida cotidiana. Já a “estética pura” baseia-se na “arte pela arte”, sendo a arte um fim em si mesma, não necessitando de mediações para sua

compreensão. Importante ressaltar que essa estética aciona um conjunto de códigos (que foram adquiridos socialmente, mas que são vistos como qualidades inatas) que permitem decodificar as obras de arte, as músicas eruditas, os clássicos da literatura e do cinema etc. Sem esses códigos, não é possível “se deleitar” com a arte. (IBIDEM, p.12-13).

Da perspectiva analítica que Bourdieu nos apresenta, é preciso se atentar para os detalhes, as trivialidades, pois por trás de escolhas e atitudes triviais é que se consegue perceber a lógica de construção do gosto. Assim sendo, “O gosto classifica aquele que procede à classificação: os sujeitos sociais distinguem-se pelas distinções que eles operam entre o belo e o feio, o distinto e o vulgar; por seu intermédio, exprime-se ou traduz-se a posição desses sujeitos nas classificações objetivas” (IBIDEM, p.13).

A tarefa que se impõem à sociologia é exatamente de investigar os fatos e ações mais triviais, pois por trás deles, frequentemente, reside um arcabouço simbólico que verdadeiramente produz distinções sociais e reproduz desigualdades sociais.

Para o estudo das elites, de seus comportamentos e de sua mentalidade, a percepção desnaturalizadora do gosto é ponto essencial que Bourdieu sabidamente nos ensina. Por isso, o que é bom, bonito, belo, fino, chique não o é naturalmente, mas é considerado e legitimado socialmente, passando a ser valorizado por todos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dos breves comentários que foram tecidos nesse artigo, percebe-se que o termo elite possui nas ciências sociais diversas nuances que variam de acordo com as intenções de cada autor. Na teoria clássica sobre elites, explorada aqui através da apresentação das ideias básicas de Pareto e Mosca, identificou-se que o uso da categoria “elite” é usado partindo-se do pressuposto que há, em toda sociedade, uma divisão assimétrica de poder, sendo que o sentido que o termo é usado é no sentido mais político, ou seja, do grupo minoritário que lida diretamente com as instâncias decisórias.

Apesar desse consenso de que a sociedade é dividida de forma desigual e de uma vinculação do termo em um sentido político, diagnosticou-se uma confusão conceitual no uso da categoria “elite”, principalmente após à teoria clássica das elites. Ao invés de uma melhor definição do termo, verificou-se uma variedade de sentidos atribuídos a ele. Devido à complexidade da vida social, passou-se a estudar os diversos tipos de elite de acordo, muitas vezes, à ramificação profissional.

Iniciando uma possível vinculação entre “elite” e “status social”, o artigo procurou apresentar minimamente os conceitos – chave de dois sociólogos que escreveram já na segunda metade do século XX e que, a nosso ver, possuem, cada um à sua maneira, um potencial teórico considerável para o estudo das elites do ponto de vista “cultural”: são eles Norbert Elias e Pierre Bourdieu.

No primeiro dos autores, intencionou-se trazer à tona como se dá o processo civilizatório do ocidente moderno, enfatizando o caráter de construção social dos hábitos e costumes mais corriqueiros e, aparentemente, naturais, como, por exemplo, os modos de se portar à mesa, de se higienizar, de fazer sexo etc. Esse padrão de comportamento nem sempre existiu: é característico de uma elite nobre que, só com o passar do tempo, se dissemina e generaliza por toda a sociedade.

No segundo dos autores, objetivou-se demonstrar como o gosto ou a competência estética não é um dom natural da pessoa, mas sim fruto de aspectos eminentemente sociais, notadamente a origem familiar e o processo de instrução escolar. Dessa forma, as mais corriqueiras escolhas e opiniões que os membros de uma elite têm são oriundas basicamente de sua origem familiar e de seu capital escolar.

Portanto, para um estudo das elites enfatizando seus aspectos culturais, envolvendo padrões de comportamento e conjunto de valores, os estudos tanto de Elias como de Bourdieu são importantes por trazerem ensinamentos elementares acerca dos processos sócio-históricos que engendram hábitos, valores e costumes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTTOMORE, Thomas B. Elite: Conceito e Ideologia. In: GUIMARÃES, Litton (org.). **Elites Políticas**. Brasília: UNB, 1978. (Curso de Introdução à Ciência Política).

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: Crítica Social do Julgamento**. Trad. Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

ELIAS, Nobert. **O Processo Civilizador: Uma história dos costumes**. 2.ed. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LASSWELL, Harold D. O Estudo da Elite Política. In: GUIMARÃES, Litton (org.). **Elites Políticas**. Brasília: UNB, 1978. (Curso de Introdução à Ciência Política).

SOUZA, Jessé. Pierre Bourdieu: pensador da periferia?. In: SOUZA, Jessé; MATOS, Patrícia. (org.). **Teoria Crítica no século XXI**. São Paulo: Annablume, 2007.

SOUZA, Jessé. Norbert Elias e a Seletividade do Processo Civilizatório Ocidental. In: **A Modernidade Seletiva: uma reinterpretação do Dilema Brasileiro**. Brasília: UNB, 2000.

ZUCKERMAN, Alan. Elite Política: Lições de Mosca e Pareto. In: GUIMARÃES, Litton (org.). **Elites Políticas**. Brasília: UNB, 1978. (Curso de Introdução à Ciência Política)